

A INTERFERÊNCIA DO CARNAVAL NA VIDA DAS MULHERES NEGRAS DE NOVO HAMBURGO

LA INTERFERENCIA DE CARNAVAL EN LA VIDA DE LAS MUJERES NEGRAS DE NOVO HAMBURGO

Luciana Marques Pereira¹
Margarete Fagundes Nunes²
Norberto Kuhn Júnior³

RESUMO

Por meio do Projeto de extensão Banda Mirim, que ocorre nas escolas de samba de Novo Hamburgo, além do trabalho de construção de oficinas temáticas que abordam a cultura afro-brasileira, ao longo da minha participação, desde o ano de 2007, pude observar a relação que algumas mulheres negras de Novo Hamburgo/RS mantêm com o espaço do carnaval, especialmente por meio da dança no carnaval de rua e da sua vivência no interior das escolas de samba, onde dão visibilidade a uma forte expressão corporal, fazendo da música e da dança alicerces para a consolidação de sua identidade. Por intermédio dessas observações foi possível acompanhar a trajetória de vida dessas mulheres e as narrativas do seu cotidiano sobre o *fazer carnavalesco* nos doze meses do ano; busquei compreender suas expectativas, seus medos, seus sonhos, suas privações, bem como os significados que atribuem em torno do *ser mulher*, negra, trabalhadora, integrante e artista do carnaval no contexto cultural do Vale do Sinos/RS. Além do recurso da história oral, optei por uma abordagem etnográfica em várias atividades desenvolvidas no interior das escolas de samba. Como resultado desse trabalho, foi possível detectar que, por meio das atividades carnavalescas, as mulheres negras de Novo Hamburgo conseguem inserir-se na sociedade, tendo destaque perante órgãos políticos e culturais da cidade, além de ter uma participação ativa na administração das escolas de samba, tornando possível a festa do carnaval hamburguense.

Palavras-chave: Carnaval. Corpo. Mulheres Negras.

RESUMEN

A través del proyecto Banda Mirim, que ocurre en las escuelas de samba de Novo Hamburgo, además de los trabajos de construcción de los talleres temáticos que se ocupan de la cultura afro-brasileña, observé, desde el año 2007, la relación de algunas mujeres negras de Novo Hamburgo / RS con el contexto del Carnaval. En este contexto, sobre todo a través de la danza en el carnaval de la calle y de su experiencia en las escuelas de samba, se visibiliza un lenguaje corporal fuerte, haciendo de la música y del baile base para la consolidación de su identidad. A través de estas observaciones fue posible seguir la trayectoria de su vida y los relatos de su rutina diaria en el carnaval a lo largo de los doce meses del año. En la investigación, busqué entender sus expectativas y temores, sus sueños, sus dificultades y los significados que atribuyen al hecho de ser tanto mujer, negra y trabajadora, como artista del carnaval en el contexto cultural del Vale dos Sinos / RS. Además de la característica de la historia oral, elegí un enfoque etnográfico para las

¹ Graduanda do curso de Licenciatura em História na Feevale.

² Orientadora; professora doutora em Antropologia pela Universidade Federal de Santa Catarina.

³ Co-orientador; professor doutor em Ciências Sociais pela UNISINOS.

diferentes actividades dentro de las escuelas de samba. Como resultado de este trabajo se puede decir que a través de las actividades del carnaval, las mujeres negras de Novo Hamburgo pueden inserirse en la sociedad, destacandose frente a los órganos políticos de la ciudad, además de tener una participación activa en la administración de las escuelas de samba, y así haciendo possible el carnaval hamburguense.

Palabras-clave: Carnaval. Cuerpo. Mujer negra.

INTRODUÇÃO

Por meio deste artigo, objetivei estudar de que modo a dança e a música se configuram como elementos de afirmação identitária e constituem-se como definidoras das relações que se estabelecem dentro e fora do espaço carnavalesco da cidade de Novo Hamburgo/RS⁴, onde a expressão cultural é representada por intermédio de festas que valorizam e legitimam a etnicidade alemã. De que forma a escola de samba interferiu na vida cotidiana dessas mulheres, até que ponto essas mulheres contribuem na legitimação e na permanência desses centros de cultura afro-brasileira no espaço das comunidades carnavalescas.

Este trabalho teve como base a observação que fiz durante o período em que atuei como voluntária do projeto de extensão Banda Mirim, nas escolas de samba de Novo Hamburgo, no período de 2007 até 2009, mesclando história, antropologia e etnografia por meio do diálogo com integrantes das comunidades carnavalescas. Também utilizei história oral, lançando mão de entrevistas realizadas com algumas dessas mulheres que convivem no espaço da escola de samba, além de registro fotográfico.

Sou estudante do curso de graduação em História pelo Centro Universitário Feevale/RS, por meio do qual comecei a participar de um projeto de extensão: Banda Mirim⁵. Esse projeto é realizado nas escolas de samba da cidade de Novo Hamburgo/RS, fato que me causou surpresa, visto que a cidade se formou, entre outras etnias, pela alemã em maior número e, mesmo com essa característica, existem cinco comunidades carnavalescas na cidade. Através desse trabalho, comecei a conviver regularmente nesse ambiente e, a partir de então, comecei a observar inúmeras particularidades dessas comunidades bem como de seus integrantes, em um ambiente em que o individuo não é apenas mais um, é uma pessoa,

⁴ Novo Hamburgo, cidade de colonização alemã, localizada no Vale do Sinos, com 253 mil habitantes.

⁵ Projeto de Extensão realizado pelo programa de extensão Identidade, etnia e gênero - NIGERIA/Feevale - em parceria com a Horta Comunitária Joana de Angelis, Comunidades Carnavalescas de Novo Hamburgo/RS, COPAA (Comitê Pró-ações Afirmativas/NH), no qual foi desenvolvido o Quizomba, um programa que atendeu mais de cem crianças, para o desenvolvimento de políticas afirmativas por meio da implementação da lei 10.639, de 09/01/2003.

integrante de um grupo com metas e objetivos a serem cumpridos (DA MATTA, 2001). Pude notar, entre esses indivíduos, a participação de destaque das mulheres, não apenas da maneira como se costuma ver no período do carnaval, quando desfilam como passistas, porta-bandeiras, ritmistas, baianas, mas na administração, no compromisso que têm o ano inteiro com a sua comunidade carnavalesca, inclusive como diretoras de carnaval e até mesmo como presidentes. Essas mulheres têm uma vida fora do carnaval, como qualquer outra pessoa, elas trabalham, estudam, têm filhos, maridos, mas estão incorporadas à sua rotina as atividades nas escolas de samba.

No ano de 2008, durante o período de seis meses, participei do projeto de extensão junto às crianças da comunidade carnavalesca “Aí Vêm os Marujos” e, em 2007, participei oito meses na Sociedade Carnavalesca Cruzeiro do Sul, situação que me proporcionou a oportunidade de uma observação mais profunda das mulheres negras das sociedades carnavalescas de Novo Hamburgo, através do espaço das escolas de samba. Durante esse período, pude ver o envolvimento dessas mulheres, mulheres comuns da sociedade, que são mães, donas de casa, comerciantes, domésticas, profissionais liberais, professoras, enfim, mulheres que, fora de sua vida cotidiana, muitas vezes permeada por dificuldades, quando estão dentro do espaço do carnaval se tornam as coordenadoras respeitadas e reverenciadas pela dedicação à escola, ou as passistas famosas pelo gracioso bailado, fazendo com que o seu corpo, por meio da dança, se torne, por excelência, o símbolo demarcador da identidade carnavalesca. Durante o desfile, deixam de ser domésticas, professoras, vendedoras, as pessoas comuns do dia-a-dia, para virarem rainhas, há uma inversão de papéis possíveis através da fantasia (DA MATTA, 1997). Além desse papel explícito que vemos as mulheres assumirem nas noites de folia, elas assumem outro papel de suma importância em sua vida, em que deixam de ser apenas um indivíduo, para ser alguém integrante de um grupo, de um todo, com funções e metas específicas a cumprir (VELHO, 1999). Durante minha observação, pude presenciar a organização das escolas de samba; mesmo sendo uma festa popular, é preciso uma administração (DA MATTA, 1997). Podemos ver isso através do processo que se dá para a confecção de fantasias, os ensaios, as atividades voltadas para as comunidades carentes, como campanha do agasalho, todo esse rol de atividades que citei administrado por mulheres comuns da comunidade. Essas mesmas mulheres que, durante o ano, atuam na organização nos dias de desfile estão na avenida desfilando, sambando, dando vazão a uma carga de sentimentos que nem elas próprias conseguem explicar, muitas apenas conseguem resumir dizendo que não conseguem viver sem o carnaval, sem a dança. Também constatee nas meninas a forte presença da musicalidade, da dança; dentro de uma escola de samba, ser

um indivíduo é estar ligado diretamente com a música, com a batucada, que invariavelmente irá conduzir para a dança, para a forte expressão corporal que marca (acredito) a identidade cultural da afro-brasileira, a sua relação com o corpo, com a dança e com a música é muito marcante. É pela dança e pela musicalidade que uma identidade em comum nasce entre essas mulheres integrantes de uma escola de samba, desde meninas começam a aprender a dançar, as mais velhas passam os ensinamentos às menores. Mauss faz uma reflexão afirmando que cada sociedade tem seus hábitos próprios, o que vale para toda atitude do corpo:

[...] estava doente em Nova York e me perguntava onde tinha visto moças andando como minhas enfermeiras [...] Descobri, por fim, que fora no cinema. De volta a França, passei a observar, sobretudo em Paris, a frequência desse andar; as jovens eram francesas e caminhavam também dessa maneira. De fato, os modos de andar americanos, graças ao cinema, começavam a se disseminar entre nós [...] a posição dos braços e das mãos enquanto se anda é uma idiossincrasia social, e não simplesmente um produto de não sei que arranjos e mecanismos puramente individuais, quase inteiramente psíquicos (MAUSS, 2003, p. 404).

Para aprofundar o tema, além das observações, entrevistei “Tia Lilinha”, como é conhecida a senhora Alicia Thereza da Silva Costa, de 73 anos, a presidente da Escola de Samba “Aí Vêm os Marujos”. Tia Lilinha relatou que veio do interior do estado já casada com o “Tio Darci”, no início, era o esposo que integrava a escola de samba, mas, com o tempo, ela também começou a participar, foi porta-bandeira por muitos anos, diz que era muita emoção, chegando atualmente ao cargo de presidente, o qual está exercendo desde 2003. Tia Lilinha não é diferente de outras mulheres de sua geração, teve os seus filhos, tem netos, é vaidosa, aposentada e foi merendeira de escola. Quando lhe perguntei como fez para conciliar família, trabalho e carnaval, ela respondeu que sempre foi possível, “pois sempre se dá um jeitinho”. Quando estava grávida ou com alguns dos filhos pequenos, participava, igualmente, na confecção de fantasias, alegorias e adereços, além da participação que ocorre durante todo o ano para angariar fundos, como chás, galletos, rifas, jantares, bailes etc. Esta condição de relações públicas nas escolas aparece seguidamente na figura da primeira-dama da escola. Esse tipo de atividade lhes confere certo destaque fora da época dos desfiles, pois, através da organização desses eventos, as mulheres acabam por se tornar populares entre a comunidade, inclusive estreitando relações culturais com as autoridades políticas locais. Tais eventos são de suma importância para as escolas. Neste ponto, é válido abrir um espaço ressaltando que uma das escolas de samba de Novo Hamburgo, Cruzeiro do Sul, no seu início, na década de 1920, não era uma escola de samba, mas um clube social. Ainda hoje, a Sociedade Cruzeiro do Sul não se define como escola de samba, mas como sociedade, era destinada aos negros da

sociedade hamburguense, onde as mulheres tinham muito destaque, pois eram elas as organizadoras dos bailes da Sociedade Cruzeiro do Sul, os quais eram famosos (MAGALHÃES, 2005).

O empenho de Tia Lilinha frente à presidência da Escola de Samba “Aí Vêm os Marujos” já lhe conferiu vários títulos e homenagens, sendo o último no ano de 2007, como uma das onze mulheres-destaque de Novo Hamburgo. Mas, mesmo com todo esse prestígio, Tia Lilinha não é poupada do preconceito de ser mulher, presidente de uma escola de samba e também pelo fato de ser negra. Durante a entrevista, ela comentou que ainda hoje as pessoas “olham torto” pelo fato de ser negra.

Quando perguntei se nunca teve vontade de deixar o carnaval, pelas dificuldades que sempre enfrentou, como destruição da quadra de ensaios, assaltos consecutivos, ela respondeu que “não adianta, está no sangue, a gente cai e levanta de novo”, afirmando que a cultura carnavalesca está impregnada em sua vida.

Continuando com as entrevistas, conversei com Patrícia, uma mulher de quarenta anos, massoterapeuta, que, atualmente, é diretora de carnaval da Escola de Samba “Aí Vêm os Marujos”, ou seja, mais uma vez uma mulher quebrando paradigmas, pois ocupa um cargo importante dentro da estrutura da escola. Ela tem três filhos, atualmente, está solteira, começou por intermédio do pai, foi passista, nunca deixou de desfilar, inclusive quando estava grávida. Diz que sempre conseguiu administrar, paralelamente, família, emprego e carnaval, os filhos maiores desfilam juntos. Hoje, atuando como diretora de carnaval, ela revela a imensa satisfação que sente estando por “trás das cortinas”, pois gosta da “correria”, dos meses que antecedem a festa, preparando tudo. Também Patrícia é uma espécie de relações públicas da escola, uma atividade que adora e que lhe permite o contato com muitas pessoas, as quais, segundo ela, respeitam e admiram suas atividades e a escola. Ela diz também que hoje não há mais tantos problemas raciais dentro da cultura carnavalesca, negros e brancos divertem-se juntos. Ela encerra dizendo que o que faz é de coração.

A partir desses depoimentos, pude chegar a algumas conclusões a serem refletidas e discutidas: a mulher negra ainda sofre discriminação nos dias de hoje, mas também ela consegue se destacar na sociedade, podendo disputar lugares de prestígio, mesmo que sofra preconceitos. Mesmo com tais dificuldades, temos, desde o início do século passado, a participação de mulheres no carnaval, no samba. Podemos afirmar que não só participação, mas sendo quase fundadoras do carnaval carioca, o caso de Tia Ciata, ou então importantes compositoras como Chiquinha Gonzaga. A mulher sempre esteve presente no carnaval de forma muito ativa, tanto na parte administrativa quanto na dança, a expressão corporal da

mulher negra é muito marcante e presente em sua vida, desde criança as meninas já aprendem a dançar na quadra de ensaios, concorrem como passistas mirins, as maiores começam a ensinar as menores, é praticamente uma herança de técnica corporal, que vai passando de geração para geração.

Por esses relatos, vejo que duas mulheres negras, pertencentes a uma sociedade marcada pelo traço de ter sido colonizada por alemães, participam ativamente de uma comunidade carnavalesca, tendo destaque e reconhecimento perante essa sociedade. Se aprofundarmos nossas leituras, veremos que, durante o tempo da escravidão e após o fim, eram as mulheres que, na maioria das vezes, estavam à frente da economia da casa, muitas eram alforriadas e trabalhavam para comprar a alforria de parentes que ainda permaneciam em cativeiro. Com o fim da escravidão, as senhoras brancas precisavam de empregadas domésticas, também as ex-escravas eram quituteiras, lavadeiras, babás, havia uma infinidade de atividades profissionais que exerciam, ao contrário da mulher branca das primeiras décadas do século XX, quando trabalhar fora do lar era um ato de desonra, já para a mulher negra isso não era problema. Também eram as mulheres negras as mães-de-santo, segundo relato da antropóloga Ruth Landes, que fez um estudo na Bahia na década de 1930. Essas mulheres eram as donas dos terreiros, locais onde o candomblé era realizado, eram comunidades de mulheres onde o homem aparecia de forma secundária. Também em um estudo de caso que realizei por meio de processos jurídicos sobre as mulheres da cidade de Lajeado/RS, da década de 1910, descobri a importância financeira que as mulheres tinham em suas famílias devido às heranças e aos dotes recebidos da família antes do casamento.

Por intermédio de atividades pontuais como o espaço carnavalesco, os terreiros de candomblé, as irmandades negras, as mulheres negras foram galgando lugares cada vez mais importantes dentro da sociedade, o que não ocorre de forma diferente em Novo Hamburgo, onde a representação da etnicidade alemã ainda é hegemônica, essas mulheres, envolvidas na cena carnavalesca, lutam por um lugar de prestígio na sociedade. Mesmo ainda lutando por um lugar ao sol, mulher negra tem em seu favor uma forte expressão corporal e musicalidade, que talvez se possa considerar inerente do ser afro-brasileira. Dentro do espaço da escola de samba, as mulheres deixam-se envolver pela dança desde crianças, quando brincam de ser passistas, porta-bandeiras, baianas, sua brincadeira é a dança e, quando crescem, a dança, muitas vezes, é sua profissão. A interferência do carnaval na vida dessas mulheres, através da dança, permite-lhes que tenham visibilidade e legitimidade de sua arte, contribuindo de forma positiva para a construção de sua autoestima e identidade pessoal de indivíduo que integra um grupo. Também por meio da administração da escola, muitas mulheres se destacam, sendo

reconhecidas pela sociedade, conseguindo se inserir em outros espaços da sociedade, atuando ativamente junto a espaços políticos e culturais, como o caso de Tia Lilinha, a única presidente mulher de uma escola de samba em Novo Hamburgo, que foi reconhecida várias vezes pelo seu trabalho na administração da escola de samba. Por intermédio do carnaval, as mulheres negras de Novo Hamburgo, atuantes nas escolas de samba, conseguiram reconhecimento de seu trabalho administrativo, bem como de seu trabalho artístico e corporal.

REFERÊNCIAS

DEL PRIORE, M. (Org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2001.

FERREIRA, F. **O livro de ouro do carnaval brasileiro**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

GOMES, N. L. **A mulher negra que vi de perto: o processo de construção da identidade racial de professoras negras**. 2. ed. Belo Horizonte, MG: Mazza Edições, 1995.

LANDES, R. **A cidade das mulheres**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1947.

MAGALHÃES, M. L. Negras memórias: a trajetória da Sociedade Cruzeiro do Sul. In: NUNES, Margarete Fagundes (Org.). **Diversidade e políticas afirmativas: diálogos e intercursos**. 2. ed. Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2006.

MATTA, R. D. **O que faz o Brasil, Brasil?** Rio de Janeiro, RJ: Rocco, 1986.

_____. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. 5. ed. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara, 1990.

_____. **História e cultura afro-brasileira**. São Paulo: Contexto, 2007.

MAUSS, M. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac & Nayf, 2003.

SOUZA, M. D. M. **África e Brasil Africano**. São Paulo: Ática, 2006.

VELHO, G. **Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.